



Textos
Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

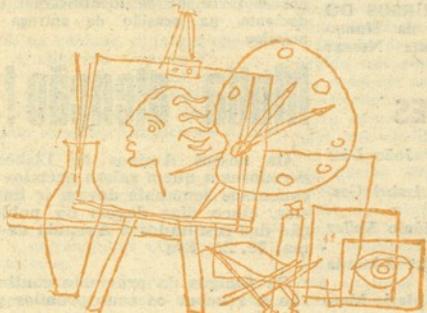
Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 - LISBOA

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE



As duas fotos que publicamos são o autorretrato de um genial pintor espanhol, que viveu entre 1599 e 1660, e um quadro seu, bastante conhecido, que representa a infanta Margarida, filha dos reis do país vizinho.

As respostas devem estar em «Juvenil» até ao próximo dia 18 de Julho, acompanhadas do nome completo, morada, data, nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham) dos concorrentes. Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande pintor desta semana.



A CONVERSA DA SEMANA

1

A nossa nova Amiga - Maria Eduarda dos Reis Colares, de 15 anos, escreve-nos na sua primeira carta:

«Descobri hoje, e «descobrir» é propriamente o termo, o suplemento «Juvenil». Deixar chegar este notável suplemento ao n.º 112 sem o descobrir, é realmente estranho! Mas foi o que me aconteceu. Venho, por isso, tarde - mas mais vale tarde que nunca - render as minhas sinceras homenagens a tão simpática e educativa iniciativa. Mando juntamente a resposta aos concursos desta semana e se for preciso fazer mais qualquer coisa para me tornar dos «vossos», agradeça que mo dissessem.»

Pois dizemos: já pertences aos «vossos» foste inscrita no nosso ficheiro e agora só queremos que colabores activamente connosco, mandando-nos trabalhos, sugestões, críticas.

Cá esperamos, Maria Eduarda.

2

O nosso bom amigo n.º 29 - José Miguel da Silva Santos (17 anos), escreve-nos uma longa carta destinada á Conversa da Semana, da qual publicamos hoje a parte que nos foi possível:

«O «Juvenil» será doravante uma unidade cultural, como allás já o é. Nós, jovens, mantê-la-emos em virtude de várias razões: a primeira porque encontramos quem de facto se interessa pelos problemas da juventude, a segunda porque os jovens têm reais possibilidades para o fazer e finalmente porque chegámos á conclusão de que o «Juvenil» é um jornal onde todos encontram bom acolhimento.

Acima de tudo o que mais aprecio no «Juvenil» é a franqueza que põe nas suas palavras, tratando com os jovens de coração na mão. A sua crítica não é uma crítica destrutiva mas uma crítica que tem por finalidade encaminhar os jovens nos seus momentos mais difíceis e tornar-se o porta-voz seguro das suas suas mais justas aspirações.

Vou apresentar um esquema dos assuntos que gostaria fossem tratados no «Juvenil».

Das quatro páginas, duas seriam preenchidas com artigos escritos (Continua na ultima página)

REQUIEM

por DIOGO ANTÓNIO ARY DOS SANTOS (16 anos)

No campo imenso, deserto e adormecido, jaz ele quase frio.

Os olhos,

vidrados de tantas coisas verem,

morrem agora no corpo já vivido.

As mãos abertas,

roxas,

pendidas,

lutam por agarrar a existência,

Mas ele morre!

E nunca mais voltará a pensar com consciência

Gemem as árvores, chorando junto ao rio,

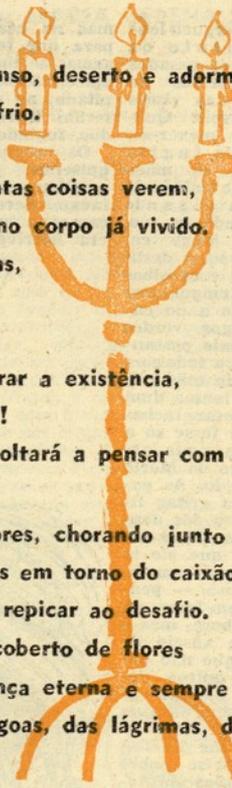
acendem-se velas em torno do caixão,

ouvem-se sinos repicar ao desafio.

Mas no corpo coberto de flores

existe a esperança eterna e sempre ardente

do fim das mágoas, das lágrimas, das dores.



MEU REINO BURGUEZ

À MINHA AMIGUINHA A.

por António Pinto Branco (20 anos)

Acabou meu reino
Onde principiou
Virgem e solitário
Onde se canta ainda
Na posição de estátua
Aos ultimos deuses estragados
Por horas e por horários
Por ideias insólitas
Acomuladas nos bolorentos brevíssimos



A cruel certeza
A bela princesa
Espera-me morta e nua
Morta e virgem
A que fol mãe do meu reino
Na rua á beira lua.



Ela ficou estendida
Numa lousa de vidro
A ultima princesa
A ultima lua
Numa urna de vidro
Um prego na cabeça
Ela ficou esperando
Meu beijo e minha bruma.

Acabou meu reino
Junto ao mar
Junto á noite
Junto á cidade
Para onde ia
Capital da terra
E das estrelas
E das nuvens
E dos seres suaves
Acabou minha pátria
Varada de ferro
Acabou minha pátria
Varada de tudo.



COLABORAÇÃO DOS LEITORES

O «Juvenil» orgulha-se de contar entre os seus colaboradores um grande numero de Amigos dedicados.

Temos muito prazer em publicar essa colaboração visto desejarmos que este Suplemento seja, cada vez mais, obra dos seus jovens leitores espalhados por todo o País.

Enviem-nos, pois, os trabalhos literários a que se dedicarem - poemas, contos, reportagens, críticas, ensaios, biografias, relatos históricos, etc. Não é preciso dactilografá-los. A unica condição é não ultrapassarem os trabalhos, em prosa, as 300 palavras.

# OS CAVALHEIROS da TAVOLA REDONDA



**S**VEIN ergueu lentamente os olhos pesados e doridos de tantas visões terríveis. Queria mexer-se; queria fugir: mas as mãos intermináveis dum gigante prendiam-no. De longe começou a deslizar uma espada de fogo; e os olhos do homem cruel que a empunhava eram de luz verde, como a do enxofre, e gotejavam pingos verdes que faziam frio; e o cavalo possante em que vinha esmagava tudo com as patas impiedosas. Svein quis gritar. Os lábios pareciam lousas dum tumulto. A língua era grossa, inchada, seca. Seca? Ainda se fosse só a língua... Ah! Como a garganta ardia em lume! O Cavaleiro da Morte aproximava-se. Metia medo. As palavras que Svein desejou gritar ficaram-lhe presas no muro dos dentes. Tinham-no manietado ali, os covardes! Só por saberem que ele ia acabar com a brutalidade e com todas as guerras. «Bandidos!» — pensou, já que não o deixavam falar. «A mim podeis emudecer a boca, mas o grande Amor, o grande anseio de paz que sinto — isso é que não podereis destruir. Porque outros, depois de mim, o sentirão e serão capazes de perder o doce bem da vida para o conservar».

O cavalo ergueu as patas dianteiras, pronto a despenhar-se sobre ele. Svein esteve a pontos de fechar os olhos mas reteceu-se num esforço sobre-humano e manteve-os bem abertos. A dor que sentiu nas costas quase lhe tirou o acôrdo. O cavalo desapareceu e ficou ouvindo o ruído do ferro que insiste obstinado em malhar numa bigorna. — Despede-te dos teus amigos! — bradou uma voz odiosa.

Seguiu-se novo choque de ferros. Que gargalhada tão fresca começou a desprender-se! Por detrás dela e entrecortada por ela veio ao de cima outra voz, mas esta generosa. Svein torceu-se num formidável esforço a fim de olhar para o dono de tal voz, que dizia:

— Turquino! Tu estás a mais neste mundo. Só tu, portanto, é que podes perecer.

Lançarote! Ninguém lhe tirava a ideia de que era Lançarote. Voltou-se de lado, de repente e reconheceu o amigo. O esforço, porém, fez-lhe soltar uma golfada de sangue. Por momentos perdeu o acôrdo. Ao voltar a si pareciam ter decorrido séculos, mas os dois adversários ainda lá estavam, vibrando golpes terríveis. Todavia Turquino já começava a fraquejar. As chamas duma fogueira desmascaravam o pavor que lhe inchava os olhos. Deu um grito; a Svein pareceu que era um grito:

mas na realidade era uma ordem para que todos os seus homens de armas se lhe juntassem. Então, num ápice, assistiu-se a debandada precipitada, no meio duma confusão infernal. Turquino ia á frente de todos, fugindo a bom fugir.

Os companheiros de Lançarote quiseram persegui-los, mas este mandou que todos ficassem onde estavam. Serenados os animos, começaram a cuidar dos feridos. Como era horrível o campo de batalha,

— Bede! — murmurou com voz fraca.

Logo se lembrou que deixara o seu mais querido amigo quase morto. Sentiu-se inquieto, esqueceu as dores que o alanceavam e chamou várias vezes pelo amigo. Em redor nenhum dos companheiros lhe dava resposta. Tinham uma cara triste e

muito sofrimento. Mas também eu a amo como a menina dos olhos.

O jovem sorriu. Como se sentia feliz!

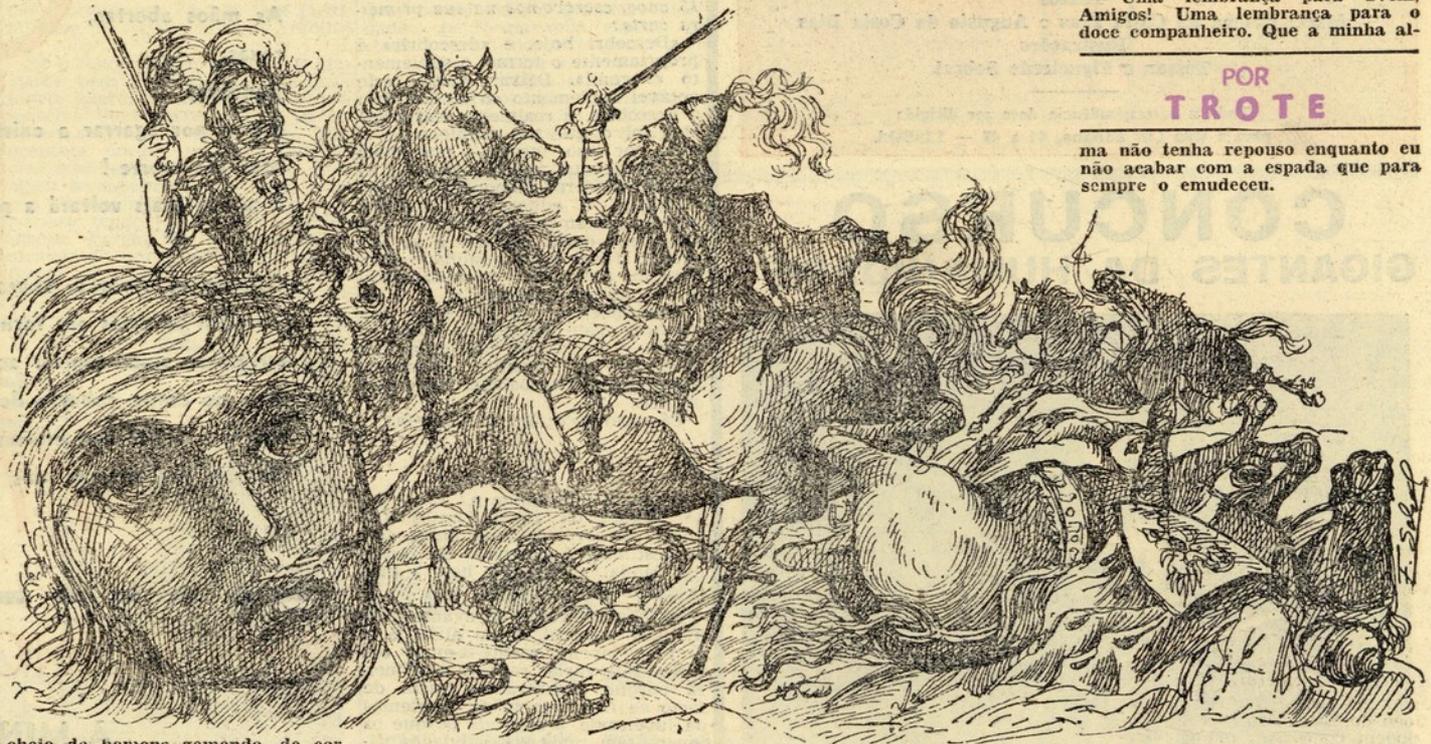
— Vou ter com Bede — disse. Não vês lá adiante a chamar-me? Lá adiante... lá adiante.

Todos acompanharam o fogo dos

to os olhos. E seu grande corpo estremeceu em soluços.

Assim todos estiveram uns momentos. Depois Lançarote ergueu-se. Fitou por uns segundos a cabeça de Svein, que amorosamente pousara numa almofada. Como sorria a sua boca para todo o sempre muda! Tinha de lhe vingar a morte, pois en-

# UMA LEMBRANÇA PARA SVEIN



## POR TROTE

ma não tenha repouso enquanto eu não acabar com a espada que para sempre o emudeceu.

cheio de homens gemendo, de corpos trucidados!... Lançarote sentiu uma tremenda angústia, quando, ao baixar-se para um soldado que gemia docemente, reconheceu Svein.

— Svein! — chamou, comovido.

Meu querido Svein. Sou eu, Lançarote! Não me ouves?

O pobrezinho fitou-o com muito esforço. Era a hora em que dos lombos da noite começam a escorrer as primeiras brancuras da manhã. Lançarote passou o braço por debaixo da cabeça do moço; ergueu-o como uma pena e aconchegou-o a si, com infinito carinho. Svein sentiu uma dor indominável e perdeu os sentidos.

Quando abriu os olhos encontrou-se no castelo, numa enxerga improvisada, debaixo dum telheiro. Lá estavam Brunealta e Alfredo e Gotrum e Eduino — todos companheiros de infância. Mas Bede?

Lançarote! — disse mais de alto, ao mesmo tempo que procurava soerguer-se nos cotovelos. Lançarote, quero dizer-te adeus.

O majestoso cavaleiro ajoelhou a seu lado e encostou-o a si.

— Lançarote — repetiu o jovem com voz doce — perdoa-me.

— Eu, perdoar-te?

— Sim, Lançarote, menti-te. Armaste-me cavaleiro e eu não queria combater, não queria matar. Trai-te.

Eu queria paz e disse-te que aceitava a guerra. Eu fingi querer o diabo e trazia o meu Senhor Jesus Cristo nos olhos. Ah! Bom Lançarote, flor de cavalaria, eu não te dei lealdade.

— Deste — interrompeu o gigante. — Deste, sim. Também eu quero a paz, e se luto é por ela. O amor da paz obriga a muita crueldade e

## Concurso da semana

### CONCURSOS DAS ADIVINHAS PORTUGUESAS

Vamos hoje iniciar um concurso de muito interesse — o das ADIVINHAS PORTUGUESAS.

Porque dizemos de muito interesse?

Ora porque há-de ser?

Porque as velhas e bonitas adivinhas portuguesas estão a ser quase por completo esquecidas. Nós, confessamo-lo honestamente, já nos tínhamos esquecido das que aprendemos na infância e de que então muito gostámos.

Para conseguir recolhê-las e apresentá-las neste novo concurso tivemos de nos socorrer do livro de Fernando Castro Pires de Lima, «Qual é coisa, qual é ela?», a que, aliás, aqui nos temos referido várias vezes e que serviu de base a um concurso especial intitulado pela «Portugália Editora», que publicou aquela obra.

Mas vamos á 1.ª adivinha.

### QUAL É A COISA QUAL É ELA? (1)

Que é que é que, aberto, guarda tudo, e, fechado, não guarda nada?

As respostas, com o nome, data do nascimento, morada e menção dos artigos que mais lhes agradaram, deve estar em «Juvenil» até ao próximo dia 17 de Julho.

**SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.º 113:** Grandes figuras da Humanidade: BRUECHEL. Gente Nossa: LISBOA.

### VENCEDORES

1. — Amigo 1645 — M.ª João Dias Estrela (Lisboa).
2. — Amigo 1134 — M.ª Isabel Correia Jorge (Bombaral).
3. — Amigo 1271 — António Vellez Ponce (Lisboa).
4. — Amigo 1639 — M.ª Eduarda Reis Colres (Lisboa).
5. — Amigo 1638 — Ana Maria Marinho (Lisboa).

6. — Amigo 1616 — M.ª José Fonseca (Lisboa).
7. — Amigo 896 —
8. — Amigo 1644 — M.ª Elisa Gonçalves (Lisboa).
9. — Amigo 1632 — João Crucho (Lisboa).
10. — Amigo 1224 — Aníbal Mariz Fernandes.
11. — Amigo — Louise Briar Russell (Estoril).

### PRÉMIOS

1 a 5 — «O VELHO E O MAR», colecç. Miniatura, dos Livros do Brasil, Ld.ª.

6 e 7 — «A CAPITAL DO MUNDO», colecç. Miniatura, dos Livros do Brasil, Ld.ª.

8 a 10 — «PORGY E BESS», colec. Miniatura, dos Livros do Brasil, Ld.ª.

11. — «CLARISSA», de Erico Verrissimo, Livros do Brasil, Ld.ª.

PRÉMIO PARA A MELHOR BIOGRAFIA DE BRUECHEL.

11. — Amigo 1647 — Carlos Manuel Mvra Dôres (Lisboa).

11. — A VIDA QUOTIDIANA DO TEMPO DE JOANA D'ARC, Marcelin Defourneaux, Livros do Brasil. «Uma negrinha á procura de Deus», da colecção Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

NOTA: Todos os prémios atribuídos aos concorrentes de Lisboa e arredores, podem ser levantados na Av.ª de Roma, 87-5.ª, dir.ª em Lisboa, cinco dias a publicação dos resultados. Os prémios para a Província, seguem pelo correio. Agradecemos a todos os Amigos o favor de se identificarem devidamente, na ocasião da entrega dos prémios.

## Muita atenção!

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saíam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados á Avenida de Roma, 78, 2.ª, Esq.ª.

Os Amigos da província continuarão a receber os seus prémios pelo correio.

# NAQUELE BECO TRISTE



Debruçada na sua janela triste, a Menina sonhava. Os seus cabelos eram cor do Sol, daquele sol que ela amava mas que nunca penetrava naquele beco escuro e sujo; os olhos eram cor do mar sem fim, que ela nunca vira... E a menina sonhava, sonhava...

POR ALICE VASSALO PEREIRA (15 anos)

Ela não via a sua rua estreita e feia, via-a larga e bela. Via uma rua onde o Sol entrava todas as manhãs para lhe dar os bons dias e onde a lua a visitava já tarde para lhe dar as boas-noites... E os seus lábios abriam-se num sorriso vago e mal definido...

E a menina sonhava... E' tão agradável sonhar! E' tão consolador poder fazê-lo sem constrangimento!

Os seus olhos como dois pardais errantes, andavam de telhado em telhado e perdiam-se para lá dessa rua estreita.

E o seu olhar de intensa luminosidade revelava uma secreta esperança de um Futuro melhor, um Futuro de paz e de perdão...

Menina dos olhos cor do mar: que sonhaste tu para assim sorris? Para além do teu beco escuro e sujo, que viste tu, Menina dos olhos cor de esperança?

(Amigo n.º 963)